

Universidades Lusíada

Deus, Rodrigo Moita de, 1977-

A beleza não se discute : educa-se

<http://hdl.handle.net/11067/7688>

<https://doi.org/10.34628/dry8-jf41>

Metadata

Issue Date	2024
Type	bookPart
Publisher	Universidade Lusíada Editora

This page was automatically generated in 2025-04-02T08:47:14Z with information provided by the Repository

A beleza não se discute. *Educa-se*

Rodrigo Moita de Deus
DOI: <https://doi.org/10.34628/dry8-jf41>



Dizemos que algo é belo quando temos prazer na sua contemplação, como um objeto individual, por si próprio, na forma como nos é apresentado.

Roger Scruton

Algures no tempo, deixámo-nos convencer de que a beleza é algo subjetivo, abstrato e interior. Sujeito a interpretação pessoal. Sujeito à leitura individual e do indivíduo e por isso indiscutível e inquestionável. Sem dar por isso, deixámos que se confundisse beleza com gosto. Ao ponto de termos abdicado do seu contrário, do seu antónimo: há belo, mas não há feio. Tudo pode ser belo e nada pode ser feio.

Algures no tempo alterámos a perspetiva. O objeto em si passou a ser secundário em relação ao olhar do sujeito. Convencionámos essa perspetiva como regra de vida numa sociedade social-democrata, para não ofender alguém, para não expor fragilidades e desconhecimentos. E é assim na arte, na roupa ou na arquitetura. Também é assim na beleza física. Tudo pode ser belo e nada pode ser feio. A beleza, objetiva, foi sempre aspiracional. Foi sempre inspiracional. Agora é ofensiva.

Algures no tempo também passámos a distinguir o belo da qualidade. Como se pudesse existir belo sem qualidade. Por necessidade, padronizamos e massificámos o conceito. E qualidade significa trabalho, saber, cuidado, atenção, detalhe, mister, aperfeiçoamento e entrega. Medida em meses ou anos. Um Mundo préfabricado, pode ser mais funcional, mais prático e económico, mas não é belo.

E o Mundo está mesmo mais feio. Mais igual. Mais padronizado. Mais fácil. Mais prático. Até na linguagem que utilizamos para comunicar uns com os outros. O português tem, aproximadamente, 818 mil palavras. Quase o dobro do inglês. E quantas utilizamos? No que dizemos e no que escrevemos? Utilizamos cada vez menos palavras, palavras mais simples em frases mais curtas. Fugimos aos sinónimos e às figuras de estilo porque é “mais simples”.

Pode ser uma surpresa para muitos. Mas a beleza não é uma sensação individual. A beleza é mesmo objetiva. Tem critérios. É classificável, catalogável e precisa. A beleza é uma conjugação de variáveis nas quais a qualidade se destaca. Chegar à beleza é um processo tão científico como a química. Tão rigoroso como a medicina. Tão trabalhoso como a construção. Há ciência, quase química, na capela cistina, rigor, quase médico, nos lusíadas e trabalho, de construtor, na Flauta Mágica.

A beleza não é abstrata. Nem está sujeita a interpretações pessoais. Não depende do indivíduo ou do seu gosto. Existe. E será sempre reconhecida como tal. A beleza não se discute. Educa-se. Nas salas de aula, na rua e em casa. Todos os dias. Basta darmos-nos a esse trabalho.



$\Phi \approx 1.618033988749895\dots$

